

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

FESTIVAL ESTAMXS VIVXS: arte urbana, memória e afrocentricidade

PRADO, Amanda Cristina Alves¹, CERIACO, Michel da Silva (Michel Yakini-Iman)²,

¹ Jornalista e produtora cultural. Especialista em Gestão Pública (UFTO), avangicultural@gmail.com.

² Mestre e Doutorando, UFSCar Campus Sorocaba, michelyakini@gmail.com

Sessão Temática:

4 – Cidade e paisagens em disputa

RESUMO: Este resumo expandido trata-se de um estudo de caso da 2ª edição do Festival Estamxs Vivxs, em cinco cidades do interior de São Paulo. O evento realizou criação de grafittis e muralismos feitos por artistas negros/as, evidenciando a memória e as personalidades negras de cada região, imprimindo uma visão crítica à paisagem urbana e a perspectiva hegemônica presente no imaginário e no discurso/história oficial que promove o apagamento das memórias coletivas de grupos subalternizados neste contexto. A narrativa é baseada na produção executiva do Festival e no catálogo publicado como produto final do processo, para compreender quais as estratégias e ações foram adotadas pelos artistas do Festival na reivindicação do direito à cidade e construção de memórias positivas da população negra dos territórios.

PALAVRAS-CHAVE: graffiti; cultura negra; paisagem urbana

FESTIVAL ESTAMXS VIVXS: urban art, memory and afrocentricity

ABSTRACT: This expanded abstract is a case study from the 2nd edition of the Estamxs Vivxs Festival, held in five cities in the interior of São Paulo. The event featured graffiti and murals by Black artists, highlighting the Black memories and personalities of each region, providing a critical perspective on the urban landscape and the hegemonic perspective present in the imagination and official narrative/history that promotes the erasure of the collective memories of subalternized groups in this context. The narrative is based on the executive production of the Festival and the catalog published as the final product of the process, to understand the strategies and actions adopted by the Festival's artists in demanding the right to the city and building positive memories for the Black population of these territories.

KEYWORDS: graffiti; black culture; urban landscape.

INTRODUÇÃO

Este estudo de caso pretende compreender como a arte urbana pode contribuir para a produção do espaço, a criação de lugares de memória negra, no enfrentamento à segregação espacial urbana e ao epistemicídio negro. O trabalho se dá a partir de um estudo de caso da 2ª

edição do Festival Estamxs Vivxs¹ (2022) que criou nove murais de graffiti, realizados por dez artistas, como foco em cultura negra. Todos as artistas envolvidas são residentes em cidades no interior do estado de São Paulo.

III SCTI 2025 1 ISSN: XXXX-XXXX

Este trabalho tem entre seus objetivos a análise das estratégias e ações adotadas pela organização e pelas artistas que compõem as edições do Festival Estamxs Vivxs para imprimir uma visão crítica à paisagem urbana, preservar e construir histórias e memórias positivas da presença negra nestes territórios, promovendo o direito à cidade, enquanto um conjunto de direitos materiais e intangíveis (Burgos e Carril, 2020). Além disso, propõe um diálogo com o campo das Ciências Humanas e Sociais, considerando as desigualdades e diferenças sociais, culturais e identitárias na produção do espaço urbano na contemporaneidade vista sob a ótica da interseccionalidade entre raça e classe, que atravessam a nossa vivência do espaço urbano, proporcionam experimentações diversas e podem somar camadas de opressão que se combinam e entrecruzam, agregando elementos para a condição de segregação socioeconômica e espacial de alguns sujeitos (Correia; Coelho; Sales, 2018).

As principais referências de análise desse trabalho são: O direito à Cidade, proposto por Henri Lefebvre (2001) e pelos estudos dedicados à abordagem do tema desenvolvidos por Rosalina Burgos (2016, 2020); Epistemicídio negro (Carneiro, 2005); Memórias subterrâneas (Pollack, 1989); Presença e representação do negro na arte urbana (Barbosa, 2019); Afrocentricidade (Asante, 2016). Já os estudos de Robert K. Yin (2001) e de Menga Ludke e Marli E. D. A. André (2013) são as referências iniciais sobre estudo de caso na pesquisa qualitativa. A importância desse trabalho se dá pelo fato do Festival Estamxs Vivxs estar em diálogo com artistas e pesquisadores do interior do estado, contribuir para a superação do apagamento e epistemicídio sofrido pela população negra (Carneiro, 2005), revisando a memória de territórios que não reconhecem essa presença em seus discursos oficiais. Essa produção fortalece uma rede de pensamentos e práticas que nos permitem promover outras referências que contestam e reelaboram a versão oficial, mas de maneira afrocêntrica, ou seja, considerando as matrizes africanas e a população negra como sujeitos de sua própria história e experiência (Mazama, 2003, Asante, 2016).

Os murais criados no Festival, fizeram com que as memórias subterrâneas (Pollack, 1989), ou seja, a memória dos excluídos, pudessem subverter a condição de apagamento das memórias negras presentes em cada território, propondo uma disputa das memórias coletivas, em um diálogo constante com as memórias individuais através da arte urbana. O graffiti, elemento artístico central do Festival, é uma expressão artística oriunda do hip hop e da juventude negra, que “[...] surge em meio à luta pelo espaço urbano e no contexto de valorização e presença da cultura negra” (Barbosa, 2019, p. 32). As produções de graffiti entre as populações negras e periféricas, tem ainda como referência as intervenções feitas nos guetos afroamericanos nos anos de 1960 e 70, em meio a luta pelos direitos civis nos bairros de Nova York e no Brasil, por isso o hip-hop foi a principal força motriz para divulgação e expansão do graffiti como forma de expressão artística da juventude negra e periférica, nas décadas seguintes (Barbosa, 2019).

METODOLOGIA

Este é um trabalho de caráter qualitativo, baseado em um estudo de caso, observação direta e a pesquisa documental, com base em registros (foto, vídeos, catálogo) produzidos pelo Festival, ou seja, analisando as etapas executivas de cada processo e seu produto final. Assim a análise partiu desde a concepção escrita do projeto, a inscrição do edital público Edital ProAC Expresso no 31/2021 - CIDADANIA / CULTURANEGRA / URBANA / HIP HOP, passando pela fase de contratação e recebimento dos recursos financeiros, onde o projeto recebeu um aporte de R\$50.000,00 (cinquenta mil reais). Depois houve a elaboração de um chamamento público para selecionar as artistas que

¹ A grafia segue a forma com que a organização do festival divulga o nome da atividade.

realizaram os murais de graffiti em suas respectivas cidades. Por fim, houve a análise das lives produzidas ao longo da execução do projeto e do catálogo que destacou fotos e textos referentes a cada produção artística. O ponto de vista da análise partiu da produção executiva, que foi incorporada desde o início do projeto, privilegiando o enfoque organizacional do Festival.

As funções da pessoa, ou equipe, responsável pela produção executiva em um projeto cultural incluem mobilizar recursos financeiros, materiais e humanos, criando condições para que ele se realize. Também é intrínseca e imprescindível a este trabalho a capacidade de pôr em diálogo áreas de conhecimento distintas, promover interação, responsividade e horizontalidade.

O estudo de caso, para além de detalhar determinada dinâmica/fato/problema social, é uma metodologia que busca compreender como uma realidade se manifesta e quais são os condicionantes que geram essa realidade (Junior; Morais, 2018) e que remete a três proposições, conhecida também como triângulo: referências teóricas, coleta de dados e análise de dados (Yin, 2001). Entre as referências, para a compreensão das possibilidades de uso e apropriação dos espaços públicos urbanos, são analisadas a partir do estudo sobre Direito à Cidade, de Henri Lefebvre (2001).

No caso do Festival Estamxs Vivxs, as práticas artísticas são realizadas a partir de uma perspectiva afrocentrada que tensionam o chamado epistemicídio, conceito cunhado por Sueli Carneiro (2005), a partir da releitura de Boaventura Sousa Santos. A autora destaca que essa dinâmica acontece “[...] dado o obscurantismo em que o país foi lançado em sua origem. O projeto de dominação que se explicita de maneira extrema sobre os afrodescendentes é filho natural do projeto de dominação do Brasil, um sistema complexo de estruturação de diferentes níveis de poder e privilégios.” (Carneiro, 2005, p.104).

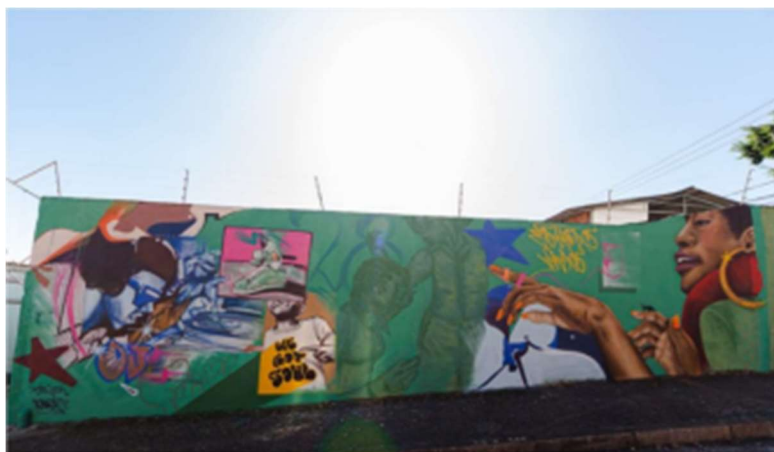
Em relação à paisagem urbana, o epistemicídio ocorre através do imaginário social proposto pelos monumentos oficiais instaladas nas cidades. Para Pollack (1989), esses monumentos estruturam uma memória coletiva, sendo então “o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados” (Pollack, 1989, p. 3), mas que estão na disputa constante entre “memórias coletivas” e “memórias individuais”, sendo essa última denominada pelo autor de memórias subterrâneas.

Portanto, os objetivos deste trabalho é analisar as estratégias da organização e das artistas do Festival Estamxs Vivxs para promoção de uma visão crítica à paisagem urbana e na produção de memórias positivas da população negra nos territórios de atuação e investigar como a arte urbana pode contribuir para a ampliação das diversidades presentes nas memórias coletivas, presentes no imaginário social do espaço urbano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A 2ª edição do Festival que recebeu um aporte de R\$50.000,00 de um edital público para a criação de cinco murais de graffiti a serem realizados nas cidades de Campinas, Jundiaí, Piracicaba, São José dos Campos e Sorocaba. Os autores do mural de estreia foram Bru Yeah e Simonal, que produziram a obra “Foi Num Baile Black”, em homenagem ao Clube Recreativo 28 de Setembro de Jundiaí-SP, o clube negro mais antigo em funcionamento no estado de São Paulo.

Figura 1. Mural Foi Num Baile Black, na cidade de Jundiaí



Fonte: Acervo Festival Estamxs Vivxs.

O segundo mural, na cidade de Sorocaba, contou com o artista Ghu, responsável pela obra “Nho Rei” que homenageou João de Camargo Barros (Nhô João), figura histórica, fundador da Associação Espírita e Beneficente Capela do Senhor do Bonfim, em 1921. Na cidade de Piracicaba, o artista Diógenes Moura, celebrou em sua obra o batuque de umbigada e o samba de lenço, e teve autorização para realizar a pintura próximo ao Porto e ao Largo dos Pescadores da cidade.

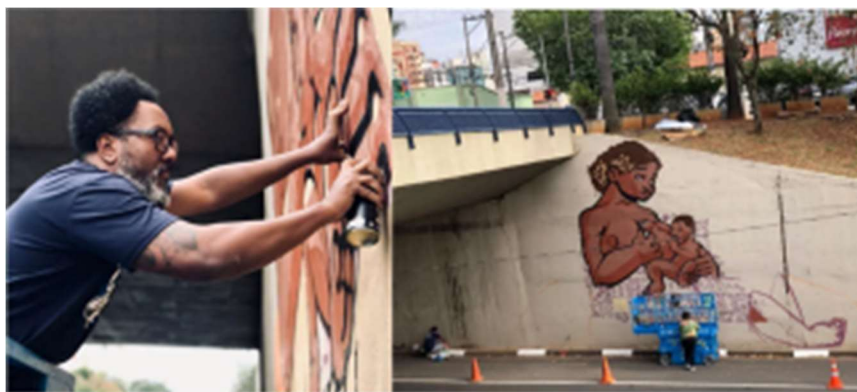
Figura 2. Diógenes Moura e sua obra na cidade de Piracicaba



Fonte: Acervo Festival Estamxs Vivxs.

As tradições culturais de origem africana também inspiraram a obra de Taylla Barros, de São José dos Campos. Ela pintou o mural “Salve o Jongo”, em celebração pelos 20 anos do Grupo de Jongo Mistura da Raça. O maior mural do Festival foi pintado na cidade de Campinas, por Edson Xis, e apresenta uma releitura do Monumento Mãe Preta, instalado na Praça Anita Garibaldi. A pintura teve como propósito atualizar a obra original pintando um menino negro nos braços da mãe.

Figura 3. À esquerda, Edson Xis. À direita, pintura em processo. Abaixo, obra Mãe Preta finalizada



Fonte: Acervo Festival Estamxs Vivxs

Ao final da etapa de produção do projeto, além dos murais, constituiu-se também um acervo audiovisual composto por cinco lives de lançamento, seis vídeo-registros, com imagens da pintura e depoimento dos artistas, além da produção de distribuição de um catálogo, que não estava previsto na proposta original. As ações e as estratégias do Festival Estamxs Vivxs, ao ter como referência artística a valorização da memória negra de São Paulo, contribui para a superação do apagamento e epistemicídio (Carneiro, 2005) sofrido pela população negra, revisando a paisagem urbana e a memória de territórios que não reconhecem essa presença em seus discursos oficiais, para além do ponto de vista colonialista.

Essa produção fortalece uma rede de pensamentos e práticas que nos permitem promover outras referências que contestam e reelaboram a versão oficial, mas de maneira afrocêntrica, ou seja, considerando as matrizes africanas e a população negra como sujeitos de sua própria história e experiência (Mazama, 2003; Asante, 2016), promovendo outras narrativas possíveis, na paisagem urbana das cidades do interior de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de análise da segunda edição do Festival Estamxs Vivxs, foi importante considerar a premissa de que a afrocentricidade não pretende estabelecer uma outra narrativa hegemônica, pois não expressa interesse em estabelecer formas de cultura dominante (Asante, 2016), sendo assim as ações do Festival não tiveram como objetivo excluir nenhuma outra história existente nas respectivas cidades, mas ampliou a diversidade de referências, concebendo uma visão crítica ao discurso hegemônico presente em cada região.

Assim, o graffiti, como expressão oriunda do hip hop e da juventude negra, foi fundamental no processo porque “[...] surge em meio à luta pelo espaço urbano e no contexto de valorização e presença da cultura negra” (Barbosa, 2019, p. 32). Neste sentido, os graffitis e murais criados durante o Festival, fizeram com que as memórias subterrâneas (Pollack, 1989), ou seja, a memória dos excluídos, pudessem subverter a condição de apagamento das memórias negras presentes em cada território. Do ponto de vista da produção escrever esse estudo de caso foi importante para reconhecer, analisar e dar visibilidade ao processo organizacional que envolve uma produção artística/cultural, muitas vezes inimaginável para quem contempla somente o resultado das obras. Do ponto de vista da produção executiva, é preciso considerar que, normalmente, o máximo que conseguimos saber sobre as obras presentes na paisagem urbana, em expressões como o graffiti, ou mesmo no caso dos monumentos, é a autoria, a data e, em alguns casos, uma breve biografia do artista ou do contexto da arte. Assim, é menos provável conhecer e compreender de forma mais aprofundada o processo que envolve cada etapa (documental, financeira, recursos, etc.) da realização das obras de arte expostas a céu aberto nas cidades.

Portanto, escrever esse relato foi importante para reconhecer, analisar e dar visibilidade ao processo organizacional que envolve uma produção artística/cultural, como foi o caso do Festival Estamxs Vivxs, muitas vezes inimaginável para quem contempla seu resultado.

REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. Tradução: Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. **Ensaio Filosóficos**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 9-18, dez. 2016.
- BARBOSA, Marina Oliveira. **Negrafias no centro de São Paulo: a presença e a representação do negro na arte urbana**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2019.
- CORREIA, Alice; COELHO, Carolina; SALLES, Livia. Cidade interseccional: o direito à cidade nas perspectivas de gênero e raça. **Fórum Nacional de Reforma Urbana**. Disponível em <<https://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/cidade-interseccional-o-direito-a-cidade-nas-perspectivas-de-genero-e-raca/22936>>. Acesso em 18/08/2025
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARRIL, L. de F. B., & BURGOS, R. Espaço público e lugares de memórias negras: (des)encontros entre sujeitos e o patrimônio histórico urbano. **Boletim Paulista De Geografia**, 1(104), 83–102, 2020. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/2031>>. Acesso em 18/08/2025
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2001.
- LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2013.
- MAZAMA, Ama. **The Afrocentric Paradigm**. Trenton: Africa World Press, 2003.
- MELO Júnior, A. L. de, & Morais, R. de. Estudo de caso como estratégia de investigação qualitativa de investigação em educação. **Ensaio Pedagógicos**, 2(1), p.26–33, (2018).
- POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Boookman, 2001.